

BA construção discursiva de uma política do “bem” nas capas da Revista *Time*

The discursive construction of a politics of “good” in Time Magazine covers

Felipe Sabino*
Leda Verdiani Tfouni**
Dionéia Motta Monte-Serrat***

RESUMO: Estabelecemos neste texto - por meio da análise discursiva comparativa de algumas capas da Revista Time com as de outras publicações similares - o modo como a História se inscreve na memória, e, também, o papel da ideologia no acesso ao funcionamento do interdiscurso. Tentamos argumentar que há uma prática regular no discurso jornalístico, tanto na produção verbal, quanto na não-verbal, em que existe uma tentativa de eliminar sentidos não desejáveis, e de instalar suposta transparência do sentido, imparcialidade e objetividade. A revista Time, embora seja encarregada de administrar a produção e circulação do sentido de que os EUA são do “bem” e seus inimigos ocasionais são do “mal”, apresenta, no decorrer da análise de seu funcionamento discursivo, outros sentidos que fazem parte do processo de significação, os quais indiciam a ideologia da classe dominante.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. História. Interdiscurso. Discurso jornalístico.

ABSTRACT: In this paper – using a discursive analysis of some Time Magazine covers, in comparison with other similar publications – we aim at discussing the ways History inscribes itself in memory, and also the role ideology plays in the access and functioning of the interdiscourse. We argue that there is a regular practice in the journalistic discourse, both verbal and non-verbal, which tries to eliminate undesirable senses and to install a hypothetical transparency of meanings, towards impartiality and objectivity. Time magazine, although in charge of spreading the sense that the EUA are “the good guys”, and that their enemies are “the bad ones”, nevertheless indicates, in its process of signification, that there are other possible meanings, which indicate the ideology of the ruling class.

KEYWORDS: Memory. History. Ideology. Journalistic discourse.

1. Introdução: A sustentação teórica da Análise do Discurso

A Análise do Discurso (AD) foi desenvolvida por Michel Pêcheux na França, na década de 1960. Ela tem como objetivo estudar o discurso, sendo este definido pelo próprio Pêcheux (1997) como efeito de sentidos entre interlocutores determinados sócio-historicamente e interpelados pela ideologia. Essa teoria não tem sua preocupação voltada para a língua, nem

* * Psicólogo. Email: felipe.psabino@gmail.com

** Professora Titular Sênior da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP, Pesquisadora do CNPq, Coordenadora do Grupo de Pesquisas AD-Interfaces. Email: lvtfouni@usp.br

*** Doutora em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP. Pesquisadora Colaboradora do IEL-UNICAMP. Membro do Grupo de Pesquisas AD-Interfaces e do Grupo de Pesquisas Neurolinguística Discursiva: práticas com a linguagem e banco de dados, cadastrados no CNPq. Email: di_motta61@yahoo.com.br

para a gramática, apesar de fazer uso dela, mas para a palavra em movimento, a prática da linguagem dentro da própria conjuntura sócio-histórica (ORLANDI, 1999). É esse enfoque que pretendemos utilizar na análise de corpus da Revista Time, procurando teorizar a interpretação, colocá-la em questão (op. cit.). Ao fazer isso, pretende-se compreender como objetos simbólicos produzem sentidos e, ao mesmo tempo, analisar os próprios gestos de interpretação, considerados como atos do domínio simbólico que intervêm no real do sentido.

A AD (PECHÊUX, 1997) é uma teoria que trabalha os limites da interpretação e seus mecanismos, como parte do processo de significação. Ela não procura uma verdade com “V” maiúsculo, pois sabe que a mesma não existe. Também não se deixa seduzir pelo subjetivismo. Seu poder teórico-analítico vem do quadro fundador que explicita um método materialista a ser utilizado pelo analista do discurso.

O analista do discurso não interpreta; ele trabalha (n)os limites da interpretação. Não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia, e tampouco se espera dele que tenha uma posição neutra, pois, para a AD, não existe discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Logo, esse lugar “fora” do simbólico é inatingível. O analista se coloca em uma posição deslocada, que lhe permite atingir e descrever o processo de produção dos sentidos em um determinado corpus. Ele sabe que uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e do que diz em uma ou em outra formação discursiva.

Para executar a análise, além do corpus - conjunto de objetos simbólicos que será analisado, que pode ser verbal ou não-verbal, oral ou escrito -, o analista dispõe de “ferramentas”, dispositivos teóricos da própria AD. Apesar de dispor de certa liberdade, ele está sob as limitações da teoria e submetido às condições de ordem e regularidade da língua que o limita. Sendo assim, durante a análise ele terá de, constantemente, voltar para esses dois pontos. O analista deve levar em conta a não linearidade das produções discursivas, bem como o fato de não haver um sentido único para as palavras, nem a transparência de sentido.

Deve ser lembrado que, para a AD, análise e teoria não são dois momentos separados, como nas ciências empiristas. Ao analisar os dados (a materialidade discursiva) o pesquisador checka a teoria, e, nesse processo, vai propondo alterações que deem conta das novidades em sua análise. Desse modo, o mesmo corpus possibilita várias entradas para ser analisado, pois o que um analista procura é a particularidade, e não a generalização.

Um primeiro aspecto a ser abordado na análise, são as condições de produção, que compreendem fundamentalmente o contexto situacional (quem disse o quê, para quem, em qual situação) e o contexto sócio-histórico (a memória do dizer e a sobredeterminação pela ideologia). A maneira como a memória é “acionada”, ou seja, como os lugares do interdiscurso (nível dos enunciados) são por ela mobilizados, influi na produção do intradiscurso (a enunciação) e ajuda a constituir as condições de produção (PÊCHEUX, 1997). É a memória que regula, conserva e promove o deslocamento do sentido de um enunciado. Esse conceito ancora-se em uma dinâmica que se mostra também na forma como os acontecimentos históricos são, ou não, inscritos na memória; em como são aspirados por ela ou nela instituem uma fissura. Isso ocorre porque a memória é constituída por uma materialidade intrincada e complexa; ela advém de diferentes acontecimentos materializados linguisticamente que deixaram o domínio da indiferença em um dado momento sócio-histórico. Sendo assim, as condições de produção são tudo o que possibilita determinado discurso ser produzido e compreendido.

Para Courtine (1999), pensar o assujeitamento à ordem do discurso implica, ao mesmo tempo, articular e dissociar dois níveis de descrição: 1)- o nível da enunciação (o eu, aqui, agora, do discurso), ou intradiscurso; 2)- o nível dos enunciados, ou interdiscurso (pré-construído), série de formulações que se articulam em formas linguísticas determinadas (citação, repetição, paráfrase, oposição, antítese, etc.).

O interdiscurso é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo, que torna possível todo dizer, e que retorna sob a forma de pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra (ORLANDI, 1999).

Se o interdiscurso corresponde ao que já foi colocado (o já-dito), aquilo que está sendo dito naquele momento constitui o intradiscurso. O que chamamos de interdiscurso poderia ser representado como eixo vertical onde teríamos os dizeres já ditos (e esquecidos) em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa tudo o que é dizível; enquanto, no eixo horizontal, estaria localizado o intradiscurso (a cadeia metonímica, ou discursiva). Assim, o intradiscurso é feito de atualizações do anteriormente formulado, o que nos conduz a postular que o enunciado totalmente novo não existe.

O interdiscurso, porém, nem sempre aparece de maneira óbvia. Ele abriga a ideologia, que é constitutivamente inconsciente. Pêcheux (1997) ensina que a ideologia é fruto do

esquecimento número 1 (esquecimento ideológico), pelo qual o sujeito tem a ilusão de que é a origem do seu dizer; mas, na realidade, a fala é que retoma sentidos pré-existentes. Pêcheux (1993) ensina, também, que o esquecimento número 2 (semiconsciente, linguístico) leva o sujeito a ter a ilusão de que pensa exatamente o que diz, ou seja, que haveria uma correspondência entre seu pensamento, o mundo e a linguagem. O esquecimento número 2 advém da fórmula da AD “sempre que se diz x, deixa-se de dizer y”, significando que, ao lado do dizer alinham-se outras formas possíveis do dito, e isso faz parte da produção dos sentidos.

As palavras mudam de sentido segundo as posições-sujeito (PÊCHEUX, 1997) daqueles que as empregam. Os sentidos são determinados ideologicamente, sendo essa a ideologia da classe dominante: impõe um sentido como sendo o “natural”, e recalca outros possíveis na mesma situação. Assim, as palavras “tiram” seus sentidos dessas posições, isto é, da relação com as formações ideológicas nas quais essas posições-sujeito se inscrevem. As formações ideológicas são representadas no discurso pelas formações discursivas (FD) (op. cit.).

A FD se define como aquilo que numa formação ideológica dada - a partir de uma posição dada, em uma dada conjuntura sócio-histórica - determina o que pode e deve ser dito (op. cit.). Os sentidos das palavras dependem dessas formações. Porém, elas, da mesma forma que os sentidos, não são estáticas, mas fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações. Tal mecanismo de deslizamento constante de sentidos em função das mudanças nas FDs é tratado pela AD pela noção de metáfora, a qual significa, basicamente, o estabelecimento de um modo como as palavras significam. Segundo Pêcheux (1997), o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição tomado por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição. É por meio desse relacionamento, dessa superposição, dessa transferência (metaphora), que elementos significantes passam a se confrontar, revestindo-se de sentidos, dificultando a faculdade de se traçar um limite entre o diferente e o mesmo. O próprio funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Nos primeiros, há algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços do dizer, e produz diferentes formulações desse mesmo dizer sedimentado; ela favorece a estabilização do sentido. A polissemia, por outro lado, caracteriza-se pelo deslocamento, pela ruptura de processos de significação, o que faz surgir algo novo naquilo que já está dado.

2. A constituição do *corpus* para a análise

Tendo em mente o referencial teórico que acabamos de expor, apresentaremos a seguir a análise de um corpus composto por capas da revista Time, cujo conteúdo apresenta elementos simbólicos semelhantes.

A primeira delas (recorte 1), da edição especial de 5 de maio de 2011, noticia a morte de Osama Bin Laden, saudita fundador e líder da Al-Qaeda, organização terrorista que ficou conhecida principalmente pelos ataques de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas do World Trade Center.



RECORTE 1 (Google images)

Em um movimento de retomada da memória e do interdiscurso que fundamentam essa superfície significativa, utilizaremos também capas anteriores da mesma revista Time, devido ao fato de elas fazerem uso de signos similares, especificamente o grande X. A primeira delas foi publicada em 7 de maio de 1945, e apresenta uma foto de Adolf Hitler, logo depois que seu corpo foi descoberto, em 2 de maio (Recorte 2). Em 21 de abril de 2003, a capa topicaliza o

rosto de Saddam Hussein (Recorte 3). Vale salientar que a matéria não foi publicada quando o ditador iraquiano foi capturado e morto, mas, sim, quando as tropas americanas tomaram Bagdá. A prisão dele só viria a ocorrer 7 meses depois, sendo sua execução realizada em 30 de dezembro de 2006. Após 3 anos, veio a quarta ocorrência, com a morte do integrante da Al-Qaeda, considerado número 3 no ranking de inimigos dos EUA, Abu Musab al-Zarqawi (Recorte 4). Em 20 de agosto de 1945, a única marcação que não foi feita em cima de uma pessoa, mas no símbolo de uma nação, a revista mostra a bandeira do Japão com um X (dessa vez da cor preta), logo após o ataque nuclear a Hiroshima (05/08) e Nagasaki (09/08) (Recorte 8). As capas são colocadas a seguir, de acordo com a numeração dos recortes. O recorte 8 será apresentado mais adiante, por questões impostas pela análise.



RECORTE 2 (Google images)



RECORTE 3 (Google images)

RECORTE 4 (Google images)

Além desses documentos, nosso corpus utilizará também outras revistas norte americanas, e uma brasileira, como suporte de análise. Elas serão expostas no decorrer de nosso texto, quando necessário (Recortes 5, 6 e 7).

3. Anunciar/enunciar a morte: O bem contra o mal

Examinemos, para iniciar nossa análise, as condições de produção, ou contextualização, do recorte 1. Osama Bin Laden esteve presente na mídia norte-americana por muito tempo e em diferentes situações, porém o maior destaque relacionado à sua pessoa se deu devido ao atentado às Torres Gêmeas, em Nova York, em 11 de setembro de 2001. Nesse dia, dois aviões foram sequestrados e lançados contra as Torres Gêmeas, provocando a sua total destruição. A partir de investigações feitas pela polícia federal norte-americana descobriu-se que os responsáveis pelos atentados haviam sido membros da organização terrorista Al-Qaeda, liderada pelo saudita Osama Bin Laden. Desde então, houve uma verdadeira “caçada” a Bin Laden, considerado, durante muito tempo, como a pessoa mais procurada do mundo, até o dia 1º de maio de 2011, ocasião em que foi morto pelas forças de operações especiais norte-americanas, em um trabalho conjunto com a CIA (agência de inteligência americana). Devido à magnitude do ato terrorista planejado por ele, cresceu nos Estados Unidos, após a sua morte, um sentimento nacionalista e de justiça local.

Na capa da revista Time, o X colocado no rosto de Bin Laden aparece como uma metáfora, sob a forma de um discurso não verbal (imagem). É possível inferir, através desse discurso, que Bin Laden era um alvo que foi eliminado.

O fato de esse artifício ter sido usado anteriormente possibilita uma série de amarrações com a memória que, aninhada no interdiscurso, está presente pela ausência, trazendo sentidos latentes, como mostram os recortes 2, 3, e 4. Primeiramente, destaca-se o fato de que as capas significam diferentemente, de acordo com as condições de produção em que foram confeccionadas. Assim, o objeto discursivo das duas primeiras capas reside em inimigos dos norte-americanos durante a II Guerra Mundial. O primeiro é Adolf Hitler, representante e líder máximo do nazismo e criador de sua ideologia. As capas seguintes fazem referência a pessoas ligadas ao terrorismo e consideradas como grandes inimigas dos EUA e do mundo inteiro. Apesar de haver diversidade de inimigos em diferentes momentos históricos, tem-se a manutenção do mesmo artifício, da mesma estrutura de significação. Em todos esses momentos foi colocado um X, símbolo de eliminação do “alvo” (do perigo; da ameaça ao povo americano). Pode-se interpretar essa repetição do símbolo como uma forma de manter a tradição editorial da revista, e, ao mesmo tempo, de criar um efeito de sentido universal, por meio da mobilização de um já-lá, cuja finalidade é a de manter presente a ideologia dominante. Mesmo com o decorrer de mais de 50 anos, a memória histórica, pela ação do interdiscurso, atualiza sentidos, fazendo uma “amarração” entre fatos aparentemente desconectados entre si.

Segundo Courtine (1999), o interdiscurso fornece os objetos do discurso nos quais a enunciação se sustenta (citação, recitação, e formação do pré-construído), ao mesmo tempo em que organiza a identificação enunciativa do sujeito enunciador (através da materialidade linguística e suas marcas- no intradiscurso).

As fotos das capas apresentadas (recortes 1, 2, 3 e 4) assemelham-se aos cartazes de procurado utilizados no período do “velho oeste”. Essa época é comumente explorada em filmes norte-americanos, denominados filmes de bang-bang e, apesar de não se saber até que ponto eles são verídicos, trazem consigo uma forte carga ideológica de retratar da história norte-americana. Nos Estados Unidos, os cartazes geralmente traziam, na parte de baixo, os dizeres Vivo ou morto, acompanhados de um prêmio em dinheiro, que seria dado para aquele que executasse a tarefa de capturar ou matar o fora da lei.

Já o X adquire um caráter de checklist. Apesar de essas “ameaças” já terem aparecido no decorrer da história, sua repetição, na forma como são colocadas, parece representar os itens de uma lista já marcados; tarefas cotidianas que foram cumpridas. Sendo assim, enquanto a capa seria o intradiscurso (o que é dito), os outros elementos que mencionamos estariam localizados na região do interdiscurso, formando, assim, uma família parafrástica, cujo efeito é o de colocar os fatos históricos ali representados como equivalentes, mesmo que não correspondam à mesma realidade. O efeito metafórico da checklist leva ao sentido de que, para os EUA, proteger seu povo dos inimigos externos equipara-se a um fazer cotidiano, ordinário, realizado no dia a dia.

Continuando a observação sob a perspectiva da marcação, salienta-se que apesar de todos terem o X como elemento comum, como ressaltado anteriormente, essa marcação remete a fatos diferenciados. Adolf Hitler cometeu suicídio. A foto de Saddam Hussein foi publicada após a invasão de Bagdá (20 de março), sendo que sua captura e morte só viriam a ocorrer em 30 de abril do mesmo ano. Apenas as capas retratadas nos recortes 1 e 4 se referem a morte já ocorrida de pessoas que pudessem causar perigo ao país (especificamente, a de Osama Bin Laden e a do integrante da Al-Qaeda, Abu Musab al-Zarqawi). Apesar de cada capa da Revista Time mencionada em nosso corpus possuir suas particularidades, todas foram colocadas sob a mesma perspectiva: a da eliminação do inimigo. Embora esses eventos tenham ocorrido dentro de condições de produção específicas, ao serem colocados sob a mesma perspectiva, criou-se o efeito de que sua resolução se deu em razão de uma ação exclusivamente norte-americana: a de “libertar” o mundo ocidental do terrorismo de Estado.

A referência ao “dito” da capa, naturalmente encaminha para o “não dito”, para o silêncio, ou para outras formas que o dizer poderia assumir. O uso do sinal X tem, como um de seus sentidos, a morte de Bin Laden; no entanto, em vez de X, a revista poderia ter simplesmente anunciado a morte de Bin Laden verbalmente. Essa segunda opção teria o mesmo efeito e foi utilizada pelo Chicago Sun-Times, em cuja capa aparece uma foto de Bin Laden acompanhada pela palavra DEAD (Recorte 5):



RECORTE 5 (Google images)

A utilização do X alia-se a uma gama de ideias que vão além do anúncio da morte do saudita; há outras implicações. Porém, independente da “intenção” da revista, é preciso salientar que a mesma, como produtora de um discurso, está sob o efeito dos dois esquecimentos. Sendo assim, tendo em vista o esquecimento número 1, não há “novidade” nesse discurso; há, antes, a retomada de sentidos preexistentes, que vão desde o próprio uso do X, e de suas possibilidades de significados, até aspectos ideológicos que permeiam os recortes apresentados.

Outro aspecto da materialidade discursiva verbal e não-verbal da capa da revista Time é o caráter de “fim” nela existente. Os veículos de comunicação norte-americanos, em regra, tem dado destaque à morte de Bin Laden como se existisse uma relação causal: morte de Bin Laden = fim da Al-Qaeda, ou, até mesmo, = o fim do terrorismo. É como se, ao eliminar esse alvo, não só ele deixasse de existir, mas, também, os ideais que ele representa (o terrorismo e o fanatismo religiosos; o ódio contra os EUA) se extinguissem. Essa ideia, porém, é questionada por mídias de outros países. No Brasil, por exemplo, foi publicada pela revista Época a seguinte capa:



RECORTE 6 (Google images)

No recorte 6, há duas configurações discursivas que se destacam: a verbal “O fim?”, e a não verbal - foto de Bin Laden amassada. A primeira, colocada em forma de interrogação, questiona se a morte desse personagem significa a “morte” de suas ideias e do movimento que ele liderava. Ao mesmo tempo, a foto amassada pode indicar que algo ainda sobrevive, que não foi “jogado fora”, podendo ser desamassada (retornando à ativa). Esse sentido possível da foto é amarrado ao enunciado pelo uso do ponto de interrogação, que indica dúvida.

A morte de Bin Laden tem sido vista como uma vitória, do mundo ocidental civilizado, contra o terrorismo. Ao visualizar a capa da revista, no recorte 1, em contraste com as anteriores, pode haver implícito um sentimento de vitória: no X pode existir a ideia de um ponto a ser contabilizado. Porém, essa vitória, além de ter um caráter político (vitória de Barack Obama e dos democratas), e geopolítico (vitória dos EUA), encaminha a interpretação para uma vitória do povo norte-americano. Tal fato discursivo pode ser ilustrado a partir da publicação do jornal The New York Times:

The screenshot shows the front page of The New York Times website. The main headline is "BIN LADEN IS DEAD" in large blue letters, with a sub-headline "Qaeda Leader Killed by U.S. Forces, Obama Says" in smaller blue letters. Below the headline is a large photograph showing a group of firefighters in full gear, with their backs to the camera, looking towards a building. The photo is captioned "In Times Square, the mood on the street was jubilant as news tickers spread the news about Osama bin Laden's death." To the right of the main headline is an "OPINION" section with the title "Don't that: Death of a Failure" and a sub-headline "How we learned to stop fearing Osama bin Laden." Below the main headline is a "NEWS: AL QAEDASAMA BIN LADEN IS DEAD" banner. To the left of the main headline is a sidebar with various categories like "Switch to Global Edition", "REAL ESTATE", "AUTOS", "ALL CLASSIFIEDS", "WORLD", "U.S.", "POLITICS", "NEW YORK", "BUSINESS", "DEALBOOK", "TECHNOLOGY", "SPORTS", "SCIENCE", "HEALTH", "OPINION", "ARTS", "Books", "Movies", "Music", "Television", "Theater", "STYLE", "Dining & Wine", "Fashion & Style", "Home & Garden", "Weddings/Celebrations", "TRAVEL", "All Blogs", "Cartoons", "Classifieds", "Corrections", "Crossword / Games", "Education", "First Look", "Learning", "Network". At the bottom of the page, there is a "MARKETS" section with a table of stock indices and a "DealB%k" advertisement.

MARKETS	Britain	Germany	France
FTSE 100	6,069.90	7,599.22	4,133.68
Closed for	+0.69%	+0.47%	+26.66
		+1.12%	+0.00%

RECORTE 7 (Google images)

No recorte 7, vê-se um letrero eletrônico com os dizeres: News: [...] Osama Bin Laden is dead. Ao mesmo tempo, ao focalizar o grupo de pessoas fotografadas de costas para o fotógrafo e de frente para a tela que está no centro, é possível observar que se trata de bombeiros, e que um deles tem os braços erguidos em sinal de vitória. Tal escolha não é aleatória: é parte integrante do interdiscurso sobre o atentado às Torres Gêmeas o papel heroico desempenhado pelos bombeiros, muitos dos quais morreram na ocasião.

Porém, além da vitória política, geopolítica e popular, há uma vitória maior: a do “bem sobre o mal”. No Recorte 1, existe a personificação do que seria o “mal”; enquanto os EUA representariam o antagonista, ou seja, o “bem”. Essa ideia maniqueísta é um artifício utilizado como legitimador de ações da classe dominante (lembrando que a ideologia considerada vigente é a ideologia dessa classe). Essa luta do “bem” contra o “mal”, na qual o “bem” sempre vence, faz parte do interdiscurso, e, portanto, da memória histórica do povo norte-americano, constituindo sua identidade. Tal imaginário, de que os americanos são os bons mocinhos que defendem a Pátria contra agressores fora da lei, tem sido cultivada através de vários discursos, mas, principalmente, pelo discurso cinematográfico, no qual personagens de caráter duvidoso, como o general Custer, são discursivizadas por meio de uma narrativa que coloca ações - como extermínio dos índios - como necessárias e heroicas, voltadas para o bem dos norte-americanos. É assim, também, na historicização de muitos outros fatos ambíguos da realidade norte-

americana, como a guerra do Vietnã, as invasões do Afeganistão e do Iraque. Como o discurso é um encontro entre dois reais: o real da língua e o real da História (GADET e PÊCHEUX, 2004), temos, como consequência, a possibilidade de equívoco (uma das facetas do Real) permeando todo e qualquer dizer. No entanto, os discursos que aqui analisamos parecem apresentar uma única interpretação possível: a vitória dos EUA sobre o terrorismo, o mal que ameaça a estabilidade mundial. Tal fato conduz à necessidade de considerarmos a existência de uma suposta neutralidade do discurso jornalístico, o qual teria missão manifesta de retratar a “realidade” de maneira imparcial e objetiva (TFOUNI e ROMÃO, 2002). O que se mostra, porém, nos recortes apresentados é a tentativa de criar uma única representação possível para os fatos em sequência: o papel de “bom mocinho”, defensor do “bem” e da “justiça”, desempenhado pelos EUA. Esse discurso, que se coloca como “voltado para o bem”, mesmo que isso traga como consequência algo de ruim (explicitado pela fórmula “Os fins justificam os meios”), fica mais evidente quando se analisa o recorte 8.



RECORTE 8 (Google images)

Temos aí a capa da Time onde aparece o símbolo do Japão (o sol nascente) marcado por um X preto, ao contrário dos outros, que são vermelhos. A cor preta é associada, na cultura ocidental, a morte, luto, tristeza e sofrimento. Os fatos aí referidos são os da destruição de duas cidades japonesas, Hiroshima e Nagasaki, por duas bombas atômicas lançadas pelos Aliados

durante a II Guerra Mundial. Essa é a primeira interpretação que ocorre ao leitor, por ser o sentido dominante, determinado ideologicamente (ORLANDI, 1987). Nesse caso, seria possível identificar, na capa, a tentativa de criar efeito de sentido segundo o qual a revista (americana!) estaria de luto pela destruição das duas cidades e pela morte de milhares de japoneses. O lançamento das bombas atômicas, no entanto, resultou na rendição do Japão, no fim da guerra que já se arrastava há seis anos, e na vitória dos países aliados (dos quais os EUA eram o líder). Além disso, apesar de elas terem sido inventadas por cientistas alemães, foram fabricadas nos EUA, e os aviões que as lançaram eram americanos, assim como seus pilotos. Toda essa parte da História fica fora do recorte 8. A responsabilidade pela catástrofe fica diluída, e até ocultada, nas dobras da espessura simbólica. Tfouni e Souza Santos (2010) fazem uma colocação bastante pertinente sobre essa questão, abordando, de modo específico, a paráfrase, figura central no processo discursivo aqui citado. Afirmam os autores que o uso de paráfrases pela mídia, principalmente a jornalística, tem o propósito de tentar conduzir a interpretação por meio do oferecimento de uma “leitura” supostamente esclarecedora daquilo que é apresentado, seja música, imagem etc. São, como colocado por Pêcheux (1990), procedimentos destinados a administrar a interpretação, e cuja eficácia, todavia, deve ser discutida.

Esses procedimentos, verdadeiras técnicas de ilusionismo, desencadeiam um processo de imposição interpretativa, a qual destitui o sujeito de sua autonomia de sujeito do discurso e intérprete historicizado. São formas sutis de controle, de ocultação das responsabilidades, disfarçadas na aparência de um falso bom-mocismo, puro cinismo de Estado. A utilização da cor preta, desse ponto de vista, pode ser compreendida como uma tentativa de imposição de um sentido único, de luto e pesar, que coexiste, no não-dito, com o apagamento da verdade sobre a tragédia. O veículo de comunicação, por meio de seus editores, está, nesse caso jogando com o esquecimento nº 2, proposto por Pêcheux (1997), segundo o qual “sempre que se diz ‘x’, deixa-se de dizer ‘y’”, e, ao mesmo tempo, articula um jogo retórico, no qual passa, de agente, a expectador solidário com a dor e as mortes provocadas pela destruição das duas cidades.

4. Considerações finais

A análise do Discurso (AD) tem como objetivo principal o estudo do discurso nas suas determinações históricas, enquanto movimento de produção de sentidos.

O analista, diante um corpus, constrói suas “entradas” teóricas e metodológicas, para fazer dele seu objeto de análise, visando a atingir o processo discursivo no qual aqueles sentidos foram engendrados. Como não há, para a AD, separação entre o momento da teoria e o da análise, é preciso checar constantemente a relação entre elas. O analista sabe que a análise é contínua, incompleta, passível de novos olhares e ideias. Com isso, há tantas análises possíveis, quanto há analistas, e o corpus nunca se esgota. A entrada que escolhemos como autores, neste caso, foi a de destacar os elementos verbais e não-verbais das capas da mencionada revista. Isso tornou a materialidade significativa atraente, pois nos deu a possibilidade de mostrar que não deve haver uma separação entre a análise do discurso verbal e a análise do discurso não-verbal, mas, sim, que essas duas análises devem andar juntas e complementar-se; no mundo, o verbal e o não-verbal interagem, se complementam. Assim, como não é possível separar forma e conteúdo, concluímos que linguagens distintas interagem na formação de um sentido mais abrangente. Os efeitos de sentido produzidos por uma dessas linguagens (verbal ou não verbal) separada da outra, seria, certamente, distinto, e poderia ser considerado parcial. É essa a razão por que nossa análise promoveu um diálogo entre as gravuras e os textos das capas.

Fizemos, também, uma relação entre história, memória e discurso nas capas escolhidas. A emergência de um sentido aparentemente único não é obra do acaso; é produto da ideologia, cujo trabalho consiste em naturalizar uma interpretação, e apagar as outras possíveis. Como a interpretação predominante representa o discurso da classe dominante, é preciso que o analista busque sempre nos silêncios, nos interstícios, outros sentidos possíveis, talvez de resistência. Para isso, é necessário compreender a análise discursiva como um gesto político-ideológico fundamentado nas condições de produção de cada recorte, a fim de explicitar como o interdiscurso está agindo ali. No caso deste artigo, vimos que há uma variedade de interpretações possíveis para os recortes, mas todas elas procuram mostrar o lado que há um lado do “bem”, representado pelos EUA, e um lado “mal”, representado por seus inimigos de momento.

Referências bibliográficas

COURTINE, J-J., O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político, *In* INDURSKY, F. e FERREIRA, M. (Orgs.) **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**, Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

GADET, F.; PÊCHEUX, M., **A língua Inatingível** – O discurso na história da Linguística, Campinas: Pontes, 2004.

GOGLE IMAGES. Acesso em 29 de agosto de 2013. Disponível em https://www.google.com.br/search?hl=en&site=img&tbm=isch&source=hp&biw=1280&bih=709&q=capas+revista+time&oq=capas+revista+time&gs_l=img.3...1748.6084.0.7108.18.10.0.8.8.1.273.1629.4j1j5.10.0....0...1ac.1.26.img..7.11.872.Wpo04fXNMsc

ORLANDI, E. O sentido dominante: a literalidade como produto da história, *In* _____ **A linguagem e seu funcionamento**, Campinas: Pontes, p. 135-148, 1987.

_____. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**, Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento?** Campinas: Pontes Editores, 1990.

_____, Análise Automática do Discurso, *In* GADET, F.; HAK, T. (Orgs.), **Por uma Análise Automática do Discurso**, Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

_____, **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 3ª edição, 1997.

TFOUNI, L. V.; ROMÃO, L., Vejam, caros amigos: O litígio no discurso jornalístico, *In* **ACHEGAS. Net** – Revista de Ciência Política, 2, novembro / dezembro 2002.

TFOUNI, L. V.; SOUZA SANTOS, A., A interpelação ideológica no discurso publicitário: os usos do corpo e das linguagens não verbais pela mídia na modernidade, *In* **Revista da ANPOLL**, nº 27, p. 34-50, 2010.

Artigo recebido em: 27.09.2013

Artigo aprovado em: 12.01.2014